



# COLLOQUIUM

## REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 9, NÚMERO 2, CRATO – CE, MARÇO DE 2025 - ISSN 2448 2722  
SUBMETIDO EM: 27/09/2024 ACEITO EM: 04/02/2025 - SEÇÃO 1: ARTIGOS

### O DESTINO DA ALMA DEPOIS DA MORTE: UM DIÁLOGO ENTRE TACIANO, O SÍRIO E PLATÃO

The fate of the soul after death: a dialogue  
between Tatian, the syrian and Plato

Emmanuel Roberto Leal de Athayde<sup>1</sup>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1306344520465610>

Giorgio Shiraishi Nunes da Silva<sup>2</sup>

doi DOI: <https://doi.org/10.58882/cllq.v9i2.185>

**RESUMO:** O presente artigo visa promover um diálogo entre um autor da chamada Patrística, Taciano, o sírio, do século II, discípulo de Justino, o mártir, que teve uma abordagem bem hostil a filosofia grega, e o um dos principais nomes da filosofia antiga, Platão. Nessa intersecção escolhemos a temática o destino da alma após a morte e procuraremos abordar como esses autores trataram deste assunto, buscando destacar aproximações e distanciamentos segundo as abordagens desses autores. Portanto, procurou-se refletir sobre o destino da alma após a morte dentro de “escolas” diferentes, isto é, a tradição cristã e a filosofia grega.

**PALAVRAS-CHAVES:** Taciano; alma; destino; pós-morte; Platão.

**ABSTRACT:** This article aims to promote a dialogue between an author of the so-called Patristics, Tatian, the syrian, from the 2nd century, disciple of Justin, the martyr, who had a very hostile stance toward greek philosophy, and one of the main names in ancient philosophy, Plato. In this intersection, we chose the theme of the soul's fate after death, seeking to address how these authors dealt with this subject, aiming to highlight both similarities and differences according to their perspectives. Thus, we sought to reflect on the soul's fate after death within different “schools”, that is, the christian tradition and greek philosophy.

**KEYWORDS:** Tatian; soul; fate; afterlife; Plato.

1 Professor de História do cristianismo na Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Doutor em Ciência da Religião pela PUC/SP, bolsista CAPES/FUNDASP. [emmanuel.athayde@teologica.net](mailto:emmanuel.athayde@teologica.net).

2 Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. [giorgioshiraishi@outlook.com](mailto:giorgioshiraishi@outlook.com).



## 1 INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é tratar de uma temática que aparece de forma recorrente entre os pensadores ocidentais. Para isso, destaca-se um autor que compõe um período de escritos cristãos que ajudou a formar um corpo de textos teológicos conhecidos como patrísticos, assim sendo, Taciano compõe o que a tradição classifica chama de Padre Apologista.

O primeiro fato observado ao pesquisar, foi notar que há pouca literatura sobre Taciano em língua portuguesa, o que tornou esse trabalho ainda mais desafiador e provocante.

O assunto central do Discurso contra os gregos<sup>3</sup>, diz respeito à oposição de Taciano em relação à cultura e filosofia gregas. É fato que o uso da filosofia grega não foi consensual entre os ditos Padres da Igreja nas diversas épocas. No caso específico de Taciano, percebe-se uma rejeição nítida, diferentemente de seu mestre Justino, além de outros padres. Contudo, embora haja inúmeras críticas tacianas à filosofia grega, colocando-a como devedora da tradição bárbara, percebe-se que ele se vale em seus conceitos e argumentos, do conhecimento filosófico grego adquirido ao longo dos seus anos de busca. Nesse âmbito, Hatch (1897, p. 133-134), comenta sobre como essa estrutura de pensamento grega influenciou as teorias teológicas de Taciano quanto à assuntos relacionados ao *Logos*, o livre-arbítrio e a natureza do espírito.

Fato é que a sua teologia segue uma das principais marcas da teologia patrística. Segundo Vilanova (1987, p.138), um conhecimento que tem como característica a gnose-sabedoria, que torna o homem piedoso (a verdadeira gnose), amparado no pensamento divino, pois Taciano entende como conheci-

3 Segundo Puech (1912, p.151), nos informa que Taciano funda sua escola cismática no ano 172 no oriente, sendo então, com certa plausibilidade, que esta obra tenha sido escrita antes, uns 2 ou três anos. O comentarista da versão em português publicada pela editora Paulus, Roque Frangiotti, nos informa: "A data da composição vacila, entre os especialistas, entre 170 e 172" (1995, p.62).



mento oriundo de Deus, sendo, com isso, além de mera opinião humana, onde todos têm acesso (c.32, p. 99-100).

Após uma breve apresentação sobre a vida de Taciano, há poucas informações sobre sua vida, como também da obra escolhida para análise e o seu contexto histórico onde fora escrito. Buscar-se-á refletir sobre a obra em si, além de tratar da perspectiva taciana sobre o destino da alma humana após a morte, procurar-se-á dialogar com a abordagem platônica, um dos principais filósofos gregos, que também não escapou das críticas de Taciano.

## 2 TACIANO: VIDA, OBRA E CONTEXTO

Taciano nasceu provavelmente no ano 120 d.C, na terra dos assírios, membro de uma família pagã. Depois de andar pelo mundo (c.35, p.103), conhecendo várias culturas, se inicia nas ditas religiões de mistérios, após examinar diversas religiões (c.29, p.96). Mas, anos depois, conhece a doutrina cristã, após se deparar com as Escrituras, o que possibilitou a sua conversão ao cristianismo (o seu testemunho de conversão encontra-se no capítulo 29 da obra *Discurso contra os gregos*). Taciano, ao chegar em Roma, se torna discípulo de Justino, porém, pouco se parece com seu mestre, oposto a suavidade que tinha seu professor (Llorca, 2009, p. 207).

Após a morte de seu mestre, por volta do ano 165 d.C, Taciano se inclina para a heresia gnóstica encratista, segundo nos apresenta Irineu de Lião em sua obra *Contra as Heresias* (I, 28, 1). Os encratistas, inspirados em Saturnino e Marcião, pregavam uma radical abstinência das coisas do mundo, rejeitando o matrimônio, como também a carne e o vinho, desprezando por completo a matéria. Seu rigorismo em relação à abstinência pelo vinho o levou a substituir o vinho pela água na eucaristia (Frangiotti, 1995, p. 58).



O primeiro historiador do cristianismo, Eusébio de Cesareia (IV, 29, 1-7), baseando-se em Irineu, descreve Taciano, como o criador dessa heresia, que posteriormente ganha mais força com Severo. Os encratistas reconheciam a Lei, os profetas e os Evangelhos, contudo, rejeitavam os escritos paulinos e o texto de Atos dos Apóstolos, que de acordo com Eusébio, a sua forma de interpretar as Escrituras bíblicas era de maneira bem peculiar.

O Diatessaron<sup>4</sup>, um dos dois escritos preservados de Taciano que chegou até nós, foi uma compilação dos evangelhos, procurando fundir as 4 versões (Mateus, Marcos, Lucas e João), além de ter a influência do apócrifo evangelho segundo os Hebreus, formando um único apenas, que de acordo com Eusébio (IV, 29, 6), o acusa de ter mudado “determinadas expressões do Apóstolo, sob pretexto de corrigir a sintaxe”. Eusébio destaca, o Discurso contra os gregos, seu único texto que nos chegou completo, classificando-o como o “mais belo e útil de seus escritos” (IV, 29, 7).

Sobre as demais obras de Taciano, Frangiotti (1995, p. 60) na introdução do Discurso contra os gregos, na versão em português que consultamos neste artigo, lista algumas obras, que não temos acesso hoje. São eles: um tratado Sobre os animais; um texto Sobre os demônios; uma obra Sobre a perfeição segundo os preceitos do Salvador; um Livro de Problemas, no qual tentou esclarecer certas passagens obscuras das Escrituras.

Em relação a morte de Taciano o que se apresenta pela maioria dos comentaristas é que tenha ocorrido provavelmente no ano 180 d.C, em local ignorado.

A respeito da obra de Taciano, Discurso contra os gregos, diz Frangiotti (1995, p. 62), que a sua data de confecção varia entre os anos 170 e 172 d.C. Segundo Puech (1912, p. 151), é altamente provável que a composição desta

4 Segundo Quasten (2004, p. 220 e 223), a datação dessa obra não é tão certa, tendo provavelmente sido feita depois do ano de 172 d.C (ou seja, depois do seu retorno para o Oriente e fundação de sua escola).



obra não tenha sido imediatamente após a conversão do autor, mas tenha ocorrido no período precedido por um curto período ao seu rompimento com a Igreja ou mesmo quando fundou sua escola cismática no Oriente da crença encratista.

Se esta data da escrita estiver certa, Taciano viveu no período da dinastia antonina quando escreveu esta obra descrita acima, sob o governo de Marco Aurélio (161-180 d.C), que fora um filósofo estoico e um implacável perseguidor dos cristãos. Com base nisso, sabe-se que Taciano viveu tempos de perseguições do cristianismo que ele havia abraçado. Veremos que o próprio texto revela isso, como por exemplo se vê no capítulo 27, ao se queixar de que não se deveria castigar ninguém tão somente por carregar um nome, no seu caso, de cristão, denunciando a injustiça de como os cristãos eram tratados.

Enfaticamente, no Discurso contra os gregos, Taciano procurou atacar a cultura e a filosofia gregas, com toda a sua mitologia, filosofia e retórica, tentando mostrar a superioridade da dita filosofia bárbara, isto é, cristã, como assim classificavam muitos opositores ao cristianismo, por entender ser Moisés anterior a Homero, um dos principais nomes da cultura helênica. Esta hostilidade contra a filosofia pagã, isto é, greco-romana, ver-se-á fortemente também em Tertuliano, que não admitia nenhuma associação entre Atenas e Jerusalém, como se vê:

O que tem em comum entre Atenas e Jerusalém? Entre a Academia e a Igreja? Entre os heréticos e os cristãos? Nossa doutrina vem do pórtico de Salomão que ele mesmo ensinou que devemos buscar a Deus com toda simplicidade de coração.<sup>5</sup>

Segundo nos informa Moreschini (2013, p. 84) na segunda metade do século II acirra-se a discussão entre o pensamento cristão e a filosofia grega, e com isso

5 Quoi de commun entre Athènes et Jérusalem? Entre l'Académie et l'Église? Entre les hérétiques et les chrétiens? Notre doctrine vient du portique de Salomon qui avait lui-même enseigné qu'il faut chercher Dieu en toute simplicité de cœur - TERTULIANO. Traité de la prescription contre les hérétiques. Livro VII, 9, 10. Paris. Éditions du CERF, 1957. p.98.



“difunde-se a *communis opinio* de que a heresia depende da filosofia dos pagãos; por isso se começa a assumir uma atitude mais crítica em relação a ela”.

Embora Taciano critique veementemente a filosofia grega, como ficará explícito no decorrer do trabalho, o autor do *Discurso contra os gregos* se valerá da própria filosofia grega para compor seus argumentos contra os gregos, chegando Aimé Puech (1912, p. 152), a classificá-lo de “sofista e cínico”. Sofista entre outras coisas por procurar ser original a todo preço e o cinismo se revela por sua aspereza e veemência.

A perspectiva de Taciano de ser absolutamente contrário a sabedoria grega é diferente da apresentada pelo seu mestre Justino, como também por Atenágoras de Atenas por exemplo, pois, além destes serem menos agressivos que Taciano em suas abordagens, Atenágoras via pelo menos um ponto em comum entre as duas culturas, isto é, a grega e a cristã, a saber, o fato do divino ser *uno*, que o cristão denominará este ser de Deus, num sentido monoteísta, isso diferente em absoluto da perspectiva dos gregos.

Diz assim Atenágoras (I, 6, p. 128), que os gregos:

só conseguiram entender, mas não encontrar o ser, pois não se dignaram aprender de Deus sobre Deus, mas cada um de si mesmo. Então, cada um dogmatizou seu modo, não só a respeito de Deus, mas sobre a matéria, as formas e o mundo. Nós, porém, sobre o que entendemos e cremos, temos como testemunhas os profetas que, movidos pelo Espírito divino, falaram sobre Deus e as coisas de Deus.

Embora haja muitas diferenças entre cristianismo e filosofia grega, Atenágoras mostra-se mais equilibrado em seu texto, ao reconhecer algo semelhante entre gregos e cristãos, abordagem não encontrada em Taciano, que explicitamente diz renunciar a sabedoria grega (I, p. 66) rechaçando-a por completo. Os gregos até falaram algo semelhante aos cristãos, mas como lhes faltava o espírito



divino, segundo Atenágoras, foram incapazes de chegar ao conhecimento da verdade possível apenas aos cristãos.

Portanto, o que se vê é um texto agressivo, hostil a filosofia grega, que tenta demonstrar a supremacia da dita filosofia bárbara, isto é, cristã, como a verdadeira filosofia que os homens deveriam atentar. Para isso, Taciano procura explicar alguns conceitos que lhe são fundamentais.

Buscou-se então, nessa primeira parte do artigo, apresentar o autor da obra que será por menor discutida no decorrer do texto, tentando entender um pouco o contexto em que este texto foi escrito. A seguir, procurar-se-á apresentar a disposição dos temas tratados na obra *Discurso contra os gregos*.

### **3 APRESENTAÇÃO DO DISCURSO CONTRA OS GREGOS**

O Discurso contra os gregos de Taciano é um texto apologético de caráter judiciário, pelo fato de seu autor sair em defesa dos bárbaros, isto é, os cristãos. Ver-se-á que ao longo da obra, para Taciano, a filosofia, a religião, as realizações dos gregos são para ele néscias, enganosas, imorais, e sem nenhum valor.

É fato que essa concepção sobre o texto de Taciano ser uma obra apologética não é unânime entre seus pesquisadores, como se observa a seguir no comentário de Quasten (2004, p. 105):

Alguns sábios opinam que o discurso não é uma apologia destinada a defender o cristianismo nem a justificar a conversão do autor, senão um discurso inaugural cujo fim é convidar os ouvintes a frequentar a sua escola. Mas, ainda supondo que houvesse pronunciado a inauguração de um curso, não cabe duvidar que desde um princípio se considerou como um discurso destinado ao público. Há que admitir, porém, que o discurso não é tanto uma apologia do cristianismo como é um tratado polêmico, veementemente e sem restrições, que rechaça e deprecia toda a cultura grega.

Como também defende Berthold Altaner (1956, p. 122) sobre o caráter do texto de Taciano: “este discurso, que consta de 42 capítulos, é, ao invés de uma



apologia do cristianismo, um escrito polêmico de tom tão apaixonado que sobrepassa toda moderação, onde se deprecia toda a cultura grega”.

Há também a impressão de Aimé Puech (1912, p. 153) que diz que esta obra não é uma apologia, pelo menos no sentido estrito do termo, pelo fato de não ter por objetivo discutir a situação jurídica dos cristãos, e de reivindicar por sua tolerância. Contudo, Puech chega a classificá-la como pertencente a uma dita segunda categoria de livros que compõe a chamada literatura apologética, isto é, aqueles livros onde o autor se propõe a refutar o paganismo, preparando-se, para uma exposição mais ou menos completa da fé, para seus leitores se converterem. Sendo assim, o Discurso contra os gregos, segundo Puech, se enquadra num forte gênero literário característico da época antiga, comum entre gregos e romanos, conhecido como Protético ou Exortação. Contudo, no final do seu texto sobre Taciano, Puech (1912, p. 167) diz que sua obra “é a mais original entre aquelas que nos foram conservadas do século II”.

Embora haja essas divergências em classificar o Discurso contra os gregos como um texto apologético, foi denominada como uma obra apologética pela tradição cristã, pelo fato de ter sido escrita numa época em que o cristianismo sofria com ostensivas perseguições, além de ter sido destinada a um público, embora não se saiba exatamente a que público.

Ao comparar este escrito com os textos de Aristides e Atenágoras de Atenas, Teófilo de Antioquia, mesmo guardando as devidas diferenças de estilo, o teor de defesa do cristianismo, perante a cultura helênica é algo marcante no texto e a partir disso, convencionou-se classificá-lo como um texto apologético. Cabe agora, portanto, após uma breve apresentação panorâmica acerca de Taciano, explorar as ideias centrais do Discurso contra os gregos.





Num primeiro momento no texto, Taciano chama os gregos de imitadores, listando vários conhecimentos que se achavam inventores, mas na verdade, já existia antes em diversos outros povos, como a astronomia, a geometria, o conhecimento das letras, entre outros (I, p. 65). Assim, o autor começa sua fala denunciando o orgulho grego, por se acharem detentores do conhecimento, o que os fez menosprezar os demais povos, por isso, estes eram chamados de bárbaros, mas na verdade, o que Taciano denuncia, é que os gregos são herdeiros dessas culturas que eles menosprezavam.

A retórica grega ao invés de ser usada para a justiça e verdade, valia-se para proveito próprio visando tão somente ganhar dinheiro, obscurecendo a própria verdade. Aqui é nítida a crítica aos Sofistas, assim como fizera o próprio Platão também em diversos textos. A poesia servia para enaltecer os deuses e a corrupção humana. Desde o início, Taciano denuncia os erros dos gregos de acordo com os seus preceitos cristãos.

Nos primeiros 3 capítulos, Taciano zomba da “ignorância” da filosofia grega, destacando Platão e Aristóteles (c. 2), Heráclito, Zenão, Empédocles (c. 3), dizendo para que os seus ouvintes não se deixassem “arrastar por esse bando de pessoas que gostam mais do barulho do que do saber e que dogmatizam coisas contraditórias, cada um dizendo o que lhe vem à boca” (c. 3, p. 68).

No capítulo 4, o autor se queixa da imposição e perseguição dos gregos criando leis que contrariam a fé cristã, e sobre isso, Taciano declara que estaria disposto a morrer ao invés de ofender o seu Deus ao obedecer leis injustas. No segundo parágrafo do capítulo, apresenta sua crença em Deus, como o único ser sem princípio, originador de todas as coisas que são, criador da matéria, que diferentemente da perspectiva da filosofia grega, não é preexistente. Este ser é espírito, “invisível e intangível, ele é o pai das coisas sensíveis e visíveis” (c. 4, p. 69), não responsável pelo mal, pois este é fruto da ação humana (c. 11, p. 77),



devido aos pecados humanos (c. 19, p. 88). Taciano termina seu capítulo criticando a adoração às coisas criadas, marca de uma afronta ao Deus único criador de todas as coisas.

O capítulo 5 trata do Verbo, como a potência criadora de Deus, e de sua relação com o Pai, por quem foi gerado, não criado. Logo, o verbo está fora do tempo, pelo fato de não ser criado, por Deus ser o único nessa situação, o verbo é divino. Diante do que Taciano trata sobre Deus e o Verbo divino, Matos (2008, p. 36), chega a dizer que o centro da teologia taciana é “Deus e seu *Logos*, isto é, aquilo que procede do Pai, que fez o mundo, porém, não de uma matéria preexistente”.

Taciano apresenta no capítulo seguinte a crença cristã na ressurreição dos corpos, de forma diferente dos estóicos, por se encontrar diretamente relacionada com o julgamento de acordo com os atos humanos feitos em vida, onde os maus serão justamente punidos por terem transgredido livremente a vontade divina.

No sétimo capítulo, Taciano trata da criação dos anjos e dos homens, como seres oriundos de Deus, e que, por participação no ser divino, são também imortais (c. 7, p. 71).

Sobre a criação humana, o autor dá continuidade no capítulo 12, ao dizer que a criação, inclusive do homem, é feita de matéria, além disso, há uma alma, que, quando ligada ao corpo, morre juntamente com a carne (c. 13, p. 79), mas quando a alma se volta para o espírito de Deus, ao viver justamente, “pode conseguir a imortalidade mediante a própria mortificação” (Quasten, 2004, p. 106). É fato, que nesse processo, os demônios procuram sempre atrapalhar (c. 16, p. 83), assim, ao voltar-se para o criador, a humanidade atrai para si o espírito divino, livrando-se do julgamento celeste, destinado aos demônios e àqueles que são contrários a Deus.



No capítulo 13, Taciano define o homem como o ser criado a imagem e semelhança de Deus, único ser de toda a criação que é a sua imagem divina, sendo aquele que “realiza ações semelhantes aos animais, mas àqueles que, indo além da humanidade, chega até o próprio Deus” (c.p 13, p. 81). O homem é composto de alma e carne, com potencialidade de ser habitado por Deus, através do seu espírito, o que torna a sua alma imortal.

Nos capítulos 8 e 9, e a partir daqui, Taciano começa a falar dos demônios, associando os deuses gregos a eles, que na realidade não passam de nada (c. 27, p. 95) devido a sua própria inoperância. Nestes supostos deuses, facilmente se encontram atos reprováveis em sua mitologia, inconcebíveis a seres divinos, sendo, portanto, mais parecidos com os agentes do mal da perspectiva cristã, que, com todo os engodos da mitologia, afastam os homens da verdade de Deus.

Os demônios são os causadores dos males humanos, segundo o capítulo 17, escravizando os homens que não vivem sob o auxílio divino. Contudo, só Deus pode curar os homens definitivamente das suas mazelas causadas pelos demônios, sem escravizá-los, como fazem tais agentes.

A metamorfose dos deuses gregos, ao se transformarem em coisas criadas, como animais e plantas, além das próprias variações de humor, são atos claramente rejeitados pelo autor, visto como desonra a criação divina, de acordo com o capítulo 10. Neste capítulo, como também no seguinte, quando diz para recusar o horóscopo (c. 11, p. 77), Taciano denuncia também a crença na astrologia e na adivinhação, dizendo: “como é que um carvalho adivinha, pássaros predizem o futuro, e tu és inferior às plantas e pássaros?” (c. 19, p. 87), atitudes essas não aceitas pela fé cristã.

Há uma defesa da encarnação de Deus, no capítulo 21, algo considerado absurdo pelos gregos. Para isso, Taciano mais uma vez se valerá dos mitos



helênicos para mostrar a humanidade dos deuses gregos que muitas vezes se encarnaram para se relacionarem com os humanos. Embora os gregos se defendam dizendo que se trata de linguagens alegóricas, e como destaca Hatch (1897, p. 79-80), o apologista considera insensatez suas explicações ao falar desses personagens fictícios, pois não se adora algo dessa natureza, visto que no fictício, não há divindade.

Taciano critica a imoralidade do teatro grego (c. 22 e 24), concluindo: “concedemos-vos todas essas inutilidades, em troca acreditai em nossas doutrinas ou, imitando-nos, deixai-nos em paz com elas” (c. 24, p. 94). Assim como o teatro, outra marca da cultura grega, a arena dos gladiadores não será poupada pelo autor (c. 23).

No capítulo 25, Taciano levanta a questão: “o que é que os vossos filósofos fizeram de grande e maravilhoso?” (p. 93). E a partir daí denuncia a filosofia como uma arte do lucro, que têm doutrinas contraditórias, além de negar pontos importantes para a fé cristã, como a imortalidade da alma, como fez Aristóteles, a incorporeidade de Deus, além da finitude do mundo. Vale salientar que também há divergências e porque não nomear como contradições, nas interpretações dos Padres da Igreja, como comenta Vilanova (1987, p. 138). Embora a doutrina seja *una*, as interpretações são diversas.

No capítulo 26, ele ataca os gramáticos, isto é, os retóricos, como aqueles que acham que são detentores de sabedoria, mas na realidade não passam de charlatães, segundo ele, pelo fato de terem se separado da verdadeira sabedoria, ou seja, do conhecimento de Deus, ao falarem de coisas sem conhecimento de fato, sendo apenas palavras articuladas com suas técnicas, sem jamais chegar à verdade das coisas.



O caráter judicial do texto se evidencia nos capítulos seguintes, quando Taciano se queixa do pré-julgamento que se fazia dos cristãos, simplesmente por serem cristãos e a partir daí pergunta-se: “onde fica a justiça em condenar alguém tão somente por levar o nome de cristão?”. A partir disso, no capítulo 28 o autor condena as leis dos povos antigos, devido a pluralidade de legislações, que ora aprova um ato e numa outra cidade o desaprova. Nessa passagem, não se restringe aos gregos, citando diversas culturas antigas: além da grega, a persa e a romana.

Nos capítulos seguintes, Taciano procurará apresentar provas, segundo ele, da antiguidade da filosofia cristã diante da grega, valendo-se dos próprios gregos, tendo como limites Moisés e Homero, sendo a religião cristã mais antiga até mesmo em relação ao alfabeto (c. 31, p. 98). Inicialmente levanta-se hipóteses sobre o período de surgimento de Homero. Termina o capítulo dizendo: “para aqueles que não possuem uma cronologia bem ordenada não é possível também compor uma história verdadeira” (p. 99).

A partir do capítulo 36 Taciano irá apresentar diversos argumentos, começando pelas fontes não judaicas, valendo-se dos testemunhos dos babilônicos, dos fenícios (c. 37), dos egípcios (c. 38) para provar que Moisés é anterior a Homero, tomando como ponto de partida a guerra de Tróia, fato ocorrido nos tempos homéricos. Conclui então, no capítulo 40 (p. 107), que Moisés “é muito mais antigo do que os antigos heróis, guerras e divindades”, mais antigo até mesmo que os escritores antes de Homero. Taciano chega a dizer ainda que os Sofistas tiveram como fonte Moisés, adulterando sua sabedoria.

Diferente da filosofia grega, na “filosofia” cristã não há uma multiplicidade de perspectivas doutrinárias. Taciano rejeita tudo o que se funda em mera opinião humana (c. 32, p. 99), pois reivindica como fundamento os mandamentos de



Deus, onde todos têm acesso, e não apenas uma determinada classe, como acontece entre os filósofos, o que favoreceu a arrogância destes.

Nos capítulos 33 e 34 critica a imoralidade dos gregos, condenando além de outras coisas, diversos crimes bárbaros, como a pederastia, a prostituição, adultérios, entre outras ações reprováveis segundo as Leis divinas, dos quais, muitos dos vultos praticantes de tais atos, foram imortalizados através das esculturas. Diz Taciano (c.34, p.103):

[...] tendo entre vós tantas poetisas que não valem nada, prostitutas incontáveis e homens malvados, não vos envergonhais de caluniar a pureza de nossas mulheres? [...] o que deveríeis fazer é recusar tudo isso e buscar verdadeiramente o bem.

De acordo com passagens como essas e algumas outras, cremos que a partir dessa perspectiva a tradição cristã classificou essa obra de apologética, pois nitidamente Taciano procura defender o cristianismo perante as acusações, perseguições e menosprezos da cultura helênica frente ao cristianismo.

Por fim, Taciano conclui o seu texto colocando o seu ensino a disposição para ser examinado pelos gregos, deixando claro que jamais renegará sua conduta diante de Deus, a qual ele decidiu servir.

Como bem comentou Quasten (2004, p. 106):

A filosofia cristã e o comportamento dos cristãos estão livres de toda inveja e má vontade, e, portanto, diferem da sabedoria dos escritores gregos. As acusações de imoralidade e canibalismo lançados falsamente contra os cristãos revertem sobre seus autores, os adoradores de deuses gregos, porque tais crimes são frequentes e bem conhecidos no culto dos gregos. Não se pode manchar a moralidade e pureza dos cristãos com tais calúnias.

Como o objeto do nosso trabalho é o texto de Taciano Discurso contra os gregos, houve a necessidade de discorrer sobre esta obra inicialmente, contextualizando e sintetizando do que ela trata ao longo dos seus escritos. Como a



proposta deste trabalho é abordar sobre o destino da alma depois da morte, os capítulos escolhidos para análise são o VI, XII, XIII e XIV.

Observa-se que Taciano não é tão sistemático nos temas por ele tratados, pois com frequência após propor a abordagem de um assunto, ao longo do seu escrito, volta a temas antes expostos.

#### **4 A ALMA E SEU DESTINO SEGUNDO TACIANO NO DISCURSO CONTRA OS GREGOS**

Há um esquema comum de figura de pensamento presente entre os textos clássicos, e nesta obra não é diferente. A primeira em destaque é a *inventio*, isto é, quando o autor da obra traz à tona o problema em questão que procurará resolver.

No capítulo V, Taciano termina essa parte dizendo que “[...] a matéria não é sem princípio como Deus [...] mas foi criada [...]” (c. 5, p. 70), logo, discorda da perspectiva grega que cria na matéria como eterna, assim como Deus. Esse, portanto, é o problema que o autor procurará tratar e a partir disso, abordará sobre a ressurreição dos corpos após a consumação do universo a partir do capítulo VI. Para isso, já declara que a abordagem será diferente da defendida pelos estóicos, como também pelos gregos, que acreditavam em algo cíclico, correspondendo a nascimentos e renascimentos, algo sem utilidade, segundo Taciano.

Além disso, trata do julgamento das criaturas, fator determinante para a ressurreição e castigo eterno dos seres humanos e mais uma vez deixa claro que sua perspectiva é diferente da grega, que cria em dois personagens mitológicos, Minos e Radamante, filhos de Zeus, responsáveis pelo julgamento dos homens. No cristianismo, quem fará o julgamento será o próprio Deus, único capaz para tal, por ser ele o único ser absolutamente perfeito. Por crer assim, Taciano sabia



que os cristãos eram ridicularizados. O autor é contrário à existência humana antes do nascimento, assim como criam os gregos.

No capítulo VI, Taciano apresenta os temas discordantes com a filosofia grega em relação à ressurreição da alma e do seu julgamento, que determinará o que ocorrerá com a alma humana após a morte. Baseia-se tão somente em sua crença.

Ao longo do texto Taciano nos apresenta algumas temáticas por ele abordadas, contudo, nos faltam maiores aprofundamentos e esclarecimentos, por mais que ele procure argumentar, como se vê no exemplo abaixo.

No cap. XII Taciano diz que ‘conhecemos’ as duas constituições que compõem a natureza imaterial humana: uma “[...] que se chama alma, e outro que é superior à alma, por ser imagem e semelhança de Deus”, isto é, o espírito (c. 12, p. 77). Surgem então algumas perguntas: “conhecemos” a partir de onde? Com base em que ele diz isso? Não fica claro aqui de onde ele tirou essa afirmação, mas sabemos que Taciano se vale das Escrituras Bíblicas para fundamentar sua afirmação, pelo fato de dizer que somos a imagem e semelhança de Deus, como nos revela Gênesis 1.26.

Percebe-se que Taciano apresenta uma certa estrutura em seu escrito, em que um determinado assunto é destacado e em seguida procura argumentar sobre ele. Tomando como exemplo ainda o cap. XII, ele diz que conhecemos duas espécies de espíritos, como visto acima, a seguir procurar argumentar sobre tal afirmativa, dizendo que “[...] é fácil de constatar que toda a construção do mundo e a criação inteira é feita de matéria e que a própria matéria foi produzida por Deus” (c. 12, p. 77), trazendo assim ordem a toda criação. Apesar de todas as coisas terem uma origem comum, há diferenças nas coisas materiais, assim





como acontece com o corpo, através de suas partes, sem, contudo, deixar de ter harmonia ao formar o todo.

Percebe-se que Taciano se vale de analogias para desenvolver seus argumentos que elucidam sua crença na composição humana, tendo a alma como parte fundamentalmente constitucional dos seres, além da própria matéria, isto é, o corpo.

No fim do capítulo XII, traz-se à tona a falha sofisticada dos filósofos, segundo ele, com suas especulações confusas sobre o espírito dos seres criados, sem fundamento nos seus discursos. De forma diferente, Taciano procura tratar sobre as duas espécies de espíritos (alma e algo superior a esta, a saber, espírito, por ser imagem e semelhança a Deus) procurando fundamentar-se nas ditas verdades divinas, contidas nas Escrituras, embora não seja explícito em seus fundamentos. O autor termina esse capítulo dizendo que “[...] as doutrinas de nossa ciência estão além da compreensão mundana<sup>6</sup>”. Com isso, como entender então tal ciência? Segundo Taciano, deve-se valer da própria revelação de Deus, quando o Verbo traz luz à alma em trevas, ao anunciar o que está escondido aos seres humanos, pelo espírito de Deus (c.13).

Seguindo para o capítulo XIII, Taciano se antecipa àquilo que os gregos poderiam pensar pelo fato de falar que a alma é imortal, o que não ocorre por si mesma, pelo contrário, ela por si é mortal. Começa seu argumento apresentando sobre a alma que morre quando não conhece a verdade, isto é, Deus, devido a sua inclinação para os desejos da carne. Assim, a alma vive só, sem a presença do espírito que a tira da treva. Além disso, Taciano trata da alma que não morrerá, destinada a passar pelo deleite eterno, pelo fato de viver de forma justa de acordo com os preceitos divinos.

---

6 Ou seja, da compreensão humana.



Continuando no capítulo (XIII), Taciano retoma o assunto sobre o castigo dos réprobos, para os que decidiram viver conforme as inclinações da carne, ao se afastarem do espírito. Como lhe é comum em seu texto, após apresentar seus argumentos sobre as suas crenças, faltando maiores aprofundamentos, comumente os retoma, como o faz com o tema do castigo para os que se opõem ao ser divino. Sobre esse assunto de castigo, além dos os homens insensatos, acrescenta os demônios como aqueles que receberão a justa punição.

Portanto, depois destas breves observações no Discurso contra os gregos, nota-se que Taciano está tentando argumentar segundo sua perspectiva cristã, contudo, percebe-se que não há tantos aprofundamentos em seus argumentos, e o que se vê na realidade é Taciano apresentando a sua crença na doutrina que ele havia aderido, sem tanto desenvolver argumentos válidos aprofundados para comprovar suas afirmações<sup>7</sup>. E ao longo do texto, retoma suas afirmações, sem avançar nas elucidações dos argumentos. Essa observação feita acima está de acordo com a perspectiva que Puech (1912, p. 167) também teve do texto de Taciano, como se vê, “o método desarticulado, sua maneira altiva de proclamar suas crenças sem as devidas precauções, sem nuances e sem provas”.

Em contrapartida, no caso grego, a perspectiva é contrária a judaico-cristã, segundo Taciano, pois enquanto os judeus e cristãos creem num Deus único<sup>8</sup>, sem nenhum outro concorrente, já os gregos creem num princípio motor além da existência de diversas divindades, que não passam de demônios conforme o autor patrístico.

7 Ou seja, o autor descredibiliza a argumentação de seus oponentes, descartando-as por sua falta incoerência, ao mesmo tempo que, quando apresenta os seus posicionamentos, não se preocupa em apresentar o mesmo nível de embasamento que requer dos outros.

8 Mesmo diante de tantas controvérsias teológicas de Taciano, é interessante notar que ele é reconhecido com um defensor do monoteísmo, ao ponto que Herbermann (1912, p. 1198 e 1512), na Enciclopédia Católica, primeiro descreve o apologista como um apóstata, e ainda sim, o coloca numa lista de “campeões leais” que lutaram contra o politeísmo pagão e a idolatria.



Portanto, Taciano apresenta sua crença sobre a imortalidade da alma quando submetida ao espírito divino, caso contrário, esta ficará sujeita a um castigo eterno, após um justo julgamento presidido por Deus, o criador de todas as coisas.

Já no que diz respeito à natureza desse castigo eterno, o posicionamento de Taciano fica um pouco incerto. Por um lado, o apologista afirma que o homem que não conhece a Deus, ressuscita “[...] na consumação do tempo, para receber, como castigo, a morte na imortalidade” (c. 13). Por outro, falando do castigo final dos demônios, comenta que eles “[...] terão a mesma imortalidade que os homens que deliberadamente realizaram tudo o que eles [os demônios] lhes impuseram [...]” (c. 14). Portanto, fica relativamente dúvida se esse castigo é de natureza aniquilacionista<sup>9</sup> ou de um castigo plenamente eterno<sup>10</sup>, ainda que em ambos os casos, o julgamento divino seja certo.

A seguir, procurar-se-á fazer um paralelo com a perspectiva platônica acerca da alma, da vida após a morte, como também do julgamento que determinará para onde irão aqueles que morreram (se é que este julgamento exista no pensamento platônico).

## **5 TACIANO E PLATÃO: UM DIÁLOGO SOBRE O DESTINO DA ALMA DEPOIS DA MORTE**

Diante das questões que foram levantadas nos capítulos selecionados no texto de Taciano e da hostilidade em relação a filosofia grega, surgiu o interesse em apresentar a percepção que Platão (um representante dessa filosofia grega tão atacada pelo autor patrístico) apresenta em alguns de seus Diálogos, como, República, Fedron, Fédon e Górgias sobre a alma e seu destino após a morte.

9 Ou seja, as almas não salvas não são imortais, pois deixam de existir sem irem para uma tormenta eterna.

10 Isto é, as almas castigadas no inferno são imortais, destinadas a sofrer pela eternidade.



Nos capítulos selecionados na obra de Taciano, Discurso contra os gregos, que foram comentados, o autor começa no capítulo VI apresentando dois temas, que são correlacionados e que fazem parte da crença escatológica do cristianismo, da qual ele havia abraçado, a saber: a ressurreição do corpo e a consumação do universo. E é sobre esses dois temas que nos propomos a promover um diálogo entre a perspectiva cristã de Taciano e a platônica, dentre as que fora criticada intensamente por Taciano.

Em relação a alma, Taciano entendia como algo criado por Deus, como todas as demais coisas que existem (cap. 12). Já no Fedro, a perspectiva de Platão sobre a origem da alma é diferente, pelo fato de ser tida como imortal, de acordo como se vê: “toda alma é imortal, pois aquilo que move a si mesmo é imortal” (245, 2007, p. 81). Além disso, vale destacar que para o filósofo grego a alma humana antecede ao nascimento, como se vê no Fédon: “[...] antes de encarnar numa forma humana, as nossas almas existiam já, independentemente de um corpo e eram dotadas de entendimento [...]” (76 c, 1988, p. 72).

É nítido que ambos os autores têm uma concepção diferente sobre a origem da alma, já que Taciano acreditava que a alma por si não seria imortal, tornando-se imortal, e conseqüentemente livre da morte, apenas ao adquirir o conhecimento de Deus, o que a possibilita ser salva pelo espírito divino do castigo (c.13, p. 79).

Outro ponto, é que, enquanto o cristianismo, de um modo geral, crê que após a morte o corpo e a alma passarão por uma ressurreição, os fiéis para usufruírem do gozo devido pela vida justa que tiveram ao viverem neste mundo, embora Taciano não deixe claro como se dará isso na prática, e os infiéis que receberão o justo castigo, segundo a filosofia platônica, encontrar-se-á uma perspectiva reencarnacionista após a morte. Por morte, Platão (64 c, 1988, p. 52) entende por separação da alma do corpo, como se vê:



Que outra coisa, pois, senão a separação da alma e do corpo? E, nesse caso, “estar morto” significa isto mesmo: que o corpo, uma vez separado da alma, passa a ficar em si e por si mesmo, à parte dela; tal como a alma, uma vez separada do corpo, passa a ficar em si e por si mesma, à parte dele.

Após esse processo, a alma voltará à existência em diferentes corpos, até mesmo em corpos não-humanos. É bem verdade que tal crença descrita acima aparece no universo do orfismo e dos pitagóricos, isto é, antes de Platão escrever sobre esse assunto. Essa concepção da alma voltar à vida em outros corpos ficou conhecida por “metempsicose” segundo se vê no Fédon (70 c-d, 1988, p. 61).

Sobre o período das reencarnações, diz Platão no Fedro (249, 2007, p. 85):

Para o ponto de que saiu uma alma não voltará ela senão passados 10.000 anos, pois, antes disso, não recebe asas. Fazem exceção as almas dos filósofos sinceros e dos que amam os rapazes com amor filosófico. Saem aladas no terceiro milênio, se por três vezes seguidas escolheram a vida de filósofo.

Depois de um tempo determinado, encerra-se a primeira vida, e após isso as almas são julgadas e recebem a pena correspondente por seus atos de justiça. Para que as ações humanas sejam devidamente recompensadas, há a necessidade de um julgamento. Tal conceito encontra-se tanto na filosofia grega como na tradição cristã antiga, da qual Taciano faz parte. Sobre o julgamento, Platão vale-se da Ilíada de Homero, no seu Diálogo intitulado Górgias para nos informar que as almas justas e religiosas após a morte vão para a ‘ilha dos abençoados’ e as injustas e irreligiosas serão punidas no Tártaro, após passarem pelos juízes Radamanto, das almas que vem da Ásia, Aeco, daquelas que vem da Europa e Minos para impetrar a decisão final após a última avaliação (524 a-b, 1989, p. 188).

Taciano critica esse mito, dizendo que Deus é quem julga os seres humanos (c. 6, p. 70). Afinal, só quem tem as prerrogativas de um Deus absoluto, criador,



o único que é perfeito por excelência, além de ser o único ser que é por si, não criado, é capaz de presidir tal julgamento e não seres criados, nem muito menos mitológicos.

Ainda sobre o pós-morte segundo Platão, apenas a partir do milésimo ano, as almas podem voltar ao mundo, cabendo a elas decidirem como se dará essa volta, podendo ser até mesmo na forma de um animal, e num processo evolutivo, de acordo com os seus atos de justiça, chegando a ser homem novamente.

Após esses dez mil anos, como visto na citação acima, as almas justas, isto é, as que viveram segundo o decoro da filosofia, são elevadas à estirpe dos deuses, período esse que corresponde ao final do ciclo das reencarnações. O regozijo consiste então em contemplar este local, onde se encontra o conhecimento absoluto, a verdade, o bem e todas as demais virtudes por um período, pois à alma humana não caberá viver neste local e, segundo diz Platão no Fedro.

Quando a alma, depois da evolução pela qual passa, atinge o conhecimento das essências, esse conhecimento das verdades puras mergulha na maior das felicidades. Depois de haver contemplado essas essências, volta a alma ao seu ponto de partida. (247, 2007, p. 84).

Recomeçando, então, o ciclo das reencarnações, já que o mundo se encontra disposto num processo cíclico, segundo a abordagem platônica.

Percebe-se, então, concepções diferentes para tratar da vida após a morte, embora haja pontos em comum, como a importância de um julgamento, como visto anteriormente, que avaliará a vida humana enquanto estiver neste mundo, mesmo que se dê de forma diferente, vê-se que a injustiça, certos prazeres corpóreos e demais ações serão condenadas e recompensadas para aqueles que observam as virtudes.



Na concepção grega, segundo o *Fédon* (66 c, 1988, p. 55), a alma encontra-se, de certa forma, aprisionada pelo corpo e através deste, os seres humanos se enchem de todas as sortes de

paixões, desejos, temores, futilidades e fantasias de toda a ordem — com tudo isso ele nos açambarca, de tal sorte que não será exagero dizer-se, como se diz, que, sujeitos a ele, jamais teremos disponibilidades para pensar.

Contudo, os valores das ações humanas para esse julgamento também divergem, como por exemplo: Taciano critica diversos atos praticados pelos gregos, classificando-os de imorais, como por exemplo a prostituição<sup>11</sup>, enquanto, para o mundo grego não há uma reprovação explícita de tais ações, inclusive diversas divindades agem dessa forma.

Conforme a perspectiva grega sobre a vida após a morte, que tem como fundamento a reencarnação, por que será que Taciano rejeitou<sup>12</sup> tal concepção? Embora isso não esteja claro no seu texto, entende-se que ele concebia o verbo divino como o agente responsável por trazer luz às almas que são trevas por si mesmas (c. 13). Sendo assim, as almas humanas não conseguem, sem o auxílio deste ser divino, isto é, daquele que criou todas as coisas, inclusive os próprios seres humanos, ter o espírito restabelecido, assim como era antes do pecado ter entrado na humanidade. Embora esse seja um assunto não tão claramente explorado por Taciano, a forma do grego se purgar das suas paixões, é um ato individual, fruto tão somente das escolhas humanas, como se vê na República:

11 Um exemplo disso, é o capítulo 33, onde Taciano faz uma comparação entre as práticas dos cristãos encratistas e dos gregos, onde diz, por exemplo, que “[...] nossos costumes são castos, enquanto os vossos são acompanhados de muita loucura.” (c. 33, p. 100). Também, mencionando uma poetisa grega, afirma: “Safo foi uma mulherzinha, prostituta erotômana, que cantou a sua própria impudícia. Entre nós, porém, todas as mulheres são castas e nossas virgens, ao redor de sua roca, entoam louvores a Deus de modo melhor que a vossa prostituta” (c. 33, p. 101).

12 Uma evidência dessa rejeição reencarnacionista, é a sua crença na ressurreição. Taciano afirma que: “[...] cremos que acontecerá a ressurreição dos corpos depois da consumação do universo, não como dogmatizam os estóicos, segundo os quais as mesmas coisas nascem e perecem depois de determinados períodos cíclicos[...].” (c. 6, p. 70).



De modo que, em conclusão de tudo isto, será capaz de reflectir em todos estes aspectos e distinguir, tendo em conta a natureza da alma, a vida pior e a melhor, chamando pior à que levaria a alma a tornar-se mais e injusta, e melhor à que a leva a ser mais justa. (...) Deve, pois, manter-se essa opinião adamantina até ir para o Hades, a fim de, lá também, se permanecer inabalável à riqueza e a outros males da mesma espécie, e não se cair na tirania e outras actividades semelhantes, originando males copiosos e sem remédio, dos quais os maiores seria o próprio que os sofreria; mas deve-se saber sempre escolher o modelo intermédio dessas tais vidas, evitando o excesso de ambos os lados, quer nesta vida, até onde for possível, quer em todas as que vierem depois. É assim que o homem alcança a maior felicidade. (Platão, 618d-e, 619a-b, 2017, p. 491-492).

Como a alma humana é imortal, basta ela não se inclinar para as paixões do corpo para livrar-se do castigo. Na concepção cristã, é óbvio que os homens devem escolher fazer o bem, afinal, eles têm o livre arbítrio (c. 15), há um auxílio divino nesse processo, pois os homens precisam essencialmente do ser divino para ajudá-los a vencer os desejos carnis e alcançarem o gozo eterno. Talvez por isso, não caberia a crença reencarnacionista na perspectiva cristã em relação ao pós-morte, além do que, não há na tradição cristã dos primeiros séculos, nenhuma abordagem bíblica que conceba a reencarnação como algo aceitável pelas Escrituras.

Todavia, como dito anteriormente, isso não significa que Platão e Taciano não tenham convergências quanto aos seus pensamentos sobre a escatologia pessoal. Em ambos os casos, seja a ressurreição aos moldes do apologista, ou a reencarnação do filósofo, o ponto de partida para que a alma humana encontre a sua plenitude consiste em algum tipo de desprendimento carnal. No primeiro, pelo encratismo<sup>13</sup> ser um pressuposto da alma que comunga com o espírito divino, e no segundo, o desprendimento entre alma e corpo após a morte é uma

13 Como explicado anteriormente na página 3, o encratismo é uma doutrina dos sectários cristãos primitivos que adotavam um ascetismo exagerado (que envolvia a abolição do casamento, abstenção sexual, de carne e do álcool), frequentemente (para não dizer totalmente) influenciados por perspectivas gnósticas (Herbermann, 1019, p. 1073-1074).





necessidade para o seu desenvolvimento, ambos em um processo que eventualmente, torna o homem íntegro mais uma vez.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Taciano nitidamente procura responder às acusações das quais os cristãos sofriam, e na sua abordagem, ele parte para o ataque à filosofia e cultura grega. Ele apresenta seus pontos de crença, que divergem na maioria dos casos da perspectiva grega, mas em alguns momentos há semelhanças, embora não faça questão de destacar isso em nenhum momento.

Observamos que faltam maiores aprofundamentos nos argumentos de Taciano, restringindo-se a tão somente ao crer, sem tanto desenvolver, ou elucidar suas opiniões argumentativamente. Não sabemos se Taciano tinha como intenção escrever um texto apologético/filosófico, pois nos falta uma introdução em sua obra que esclareça o real objetivo da escrita de seu texto, embora tenha procurado apresentar a filosofia cristã (bárbara) como a mais antiga e importante em relação à grega. Enfim, não fica claro qual foi o real motivo para a confecção do Discurso contra os gregos.

Para entender os ataques de Taciano aos gregos, falta-nos uma melhor compreensão aos escritos dos helenos. Talvez Taciano não tenha se preocupado em apresentar os pontos da filosofia grega que ele discordava pelo fato de ser um assunto de conhecimento comum dos seus ouvintes, além do que, não era uma característica dos escritos antigos fazer citações diretas de textos que se propunha comentar.

Sendo assim, se torna um pré-requisito conhecer a filosofia grega, através das diversas escolas que são demonstradas direta ou indiretamente no texto de Taciano, pois é fundamental para melhor entender as questões levantadas pelo



autor, antes até mesmo de lê-lo. Além disso, tal leitura da filosofia grega previamente se torna importante para averiguar se as críticas de Taciano são de fato pertinentes ou não.

Por fim, esperamos que este artigo desperte interesse em aprofundar-se nesse autor da tradição patrística, pouco explorado em estudos em língua portuguesa, como também investigar outros mais que compõem a filosofia patrística, procurando promover diálogos com outras tradições.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTANER, Berthold. **Patrología**. Tradução e notas. 4º ed. Eusébio Cuevas e Ursicino Domínguez Del Val. Madrid. Espasa.Calpe, 1956.

ATENÁGORAS DE ATENAS. **Petição em favor dos cristãos**. Tradução: Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. Introdução e notas explicativas: Roque Frangiotti. In: *Padres Apologistas*. São Paulo. Paulus, 1995.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. Trad. Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria de Cristo. São Paulo. Ed. Paulus, 2000.

FRANGIOTTI, Roque. In: **Discurso contra os gregos**. Tradução: Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. Introdução e notas explicativas: Roque Frangiotti. Coleção Padres Apologistas. São Paulo. Paulus, 1995.

HATCH, Edwin. **The influence of Greek ideas and usages upon the Christian Church**. (The Hibbert Lectures). London: Hibbert Trust, 1897.

HERBERMANN, Charles George. **The Catholic Encyclopedia: An international work of reference on the constitution, doctrine, discipline, and history of the Catholic Church**. New York: ROBERT APPLETON COMPANY, v. 5, 1909.

\_\_\_\_\_. **The Catholic Encyclopedia: An international work of reference on the constitution, doctrine, discipline, and history of the Catholic Church**. New York: ROBERT APPLETON COMPANY, v. 14, 1912.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as Heresias – Denúncia e Refutação da falsa gnose**. 2º ed. Tradução: Lourenço Costa. São Paulo. Paulus, 1997.



LLORCA, Bernardino. **Historia de la Iglesia Católica**. Volume 1 – Edad Antigua – La Iglesia en el mundo grecorromano. 7º ed. Madrid. BAC, 2009.

MORESCHINI, Claudio. **História da filosofia patrística**. 2º ed. Tradução: Orlando Soares Moreira. São Paulo. Edições Loyola, 2013.

PLATÃO. **Fédon**. 2ª edição. Tradução e notas: Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Coimbra: Livraria Minerva, 1988.

\_\_\_\_\_. **Górgias ou A oratória**. Tradução: Prof. Jaime Bruna. São Paulo. Difusão Europeia do Livro, 1989.

\_\_\_\_\_. **Fedro**. Tradução: Alex Marins. São Paulo. Editora Martin Claret, 2007, 2015.

\_\_\_\_\_. **A República**. 15º edição. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

PUECH, Aimé. **Les Apologistes Grecs** – du I siècle de notre ère. Paris. Librairie Hachette, 1912.

QUASTEN, Johannes. **Patrología** - hasta el Concilio de Nicea. Vol I. Madrid. BAC, 2004.

TACIANO, o sírio. **Discurso contra os gregos**. Tradução: Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. Introdução e notas explicativas: Roque Frangiotti. In: *Padres Apologistas*. São Paulo. Paulus, 1995.

TERTULIANO. **Traité de la prescription contre les hérétiques**. Paris. Éditions du CERF, 1957.

VILANOVA, Evangelista. **Historia de la Teología cristiniana**. Vol. I – De los Orígenes al siglo XV. Barcelona. Ed. Herder, 1987.

